



## Fiocruz incorpora Ipepatro



Danielle Monteiro

**T**erceiro estado mais populoso da Região Norte do Brasil, Rondônia ultimamente tem sofrido mudanças positivas no campo econômico. Fatores como a construção das hidrelétricas do Rio Madeira, que vão gerar uma quantidade estratégica de energia para o país, a consolidação da estrada que fará a ligação com o Oceano Pacífico e a finalização da BR 319 – a qual ligará a capital Porto Velho a Manaus e, conseqüentemente, ao Caribe – prometem alavancar a economia do estado. Porém, na área da saúde, Rondônia ainda precisa avançar em algumas questões: o estado é o terceiro com maior número de casos de malária na Amazônia. A doença não

é a única que, historicamente, assola a região. Casos de febre hemorrágica americana e boliviana, infecções por hantavírus e, ainda, síndromes febris ou respiratórias de origem desconhecida não são raras no estado, principalmente em Porto Velho, e em áreas onde estão localizadas as usinas hidrelétricas, em função da alta circulação de migrantes.

Foi essa situação vivenciada por Rondônia que motivou a Fiocruz a fincar seus pés na região, iniciando, em 2009, a instalação de sua unidade em Porto Velho. “Embora tenha extrema relevância do ponto de vista econômico do país, o estado apresenta índices de qualidade de vida e saúde alarmantes, além de iniquidades sociais que devem ser combatidas. A Fundação, com sua tradição de pensar o nacional através do regional, tem papel funda-



► Populações indígenas e ribeirinhas serão atendidas por uma unidade móvel da Fiocruz Rondônia

mental para a melhoria da qualidade de vida e redução das desigualdades locais”, argumenta o diretor da unidade, Rodrigo Stabeli.

A história da Fiocruz Rondônia, no entanto, começa antes de 2009, com o surgimento do Instituto de Pesquisas em Patologias Tropicais (Ipepatro). O ano era 1999. O professor e pesquisador Luiz Hildebrando, engajado na pesquisa e combate das doenças tropicais, acabou de trocar Paris, cidade onde por mais de 20 anos atuou no Instituto Pasteur, por Porto Velho. Com o intuito de prestar suporte à pesquisa sobre as enfermidades da região, funda o instituto que, um ano mais tarde, dá início às atividades. Em 2003, a instituição firma cooperação científica com a Fiocruz e, a partir de então, passa a atuar com uma sede fixa de funcionamento de pesquisa, tornando-se mais do que um

órgão de apoio. Seis anos depois, com sua incorporação à Fundação, nasce a Fiocruz Rondônia, já com uma missão bem definida: gerar, difundir e induzir a implementação de soluções científicas e tecnológicas para situações de saúde que afetam as populações locais, focando nas iniquidades sociais.

Desde então, a unidade vem atuando nos campos de pesquisa das enfermidades da região; no desenvolvimento tecnológico de insumos estratégicos para diagnóstico, controle e cuidado de doenças negligenciadas, por meio do estudo da biodiversidade; na formação de profissionais da saúde em várias áreas; na vigilância epidemiológica de fronteira; e na pesquisa e desenvolvimento na atenção à saúde pública. Segundo Stabeli, a ideia é atuar na investigação de patologias provocadas pelo impacto do acesso do homem ao interior da região. “Além de ser porta para o Oceano Pacífico, Rondônia está localizada na maior biodiversidade do planeta, com uma diversificada população de vírus, bactérias e parasitas perigosos para o homem. Não sabemos muito ainda sobre as consequências do acesso do homem ao interior da floresta, daí a necessidade de atuarmos na vigilância de fronteira”, explica.

Com base nessa perspectiva, a Fiocruz Rondônia, que atualmente tem 15 laboratórios e duas plataformas de serviços especializados nas doenças locais, conta com um ambulatório de síndromes febris não identificadas, as quais representam 80% das febres atendidas no hospital de referência do estado. “Trabalharemos na investigação e origem dos focos infecciosos dessas enfermidades em cooperação com o estado, por meio do Laboratório Central de Saúde Pública de Rondônia, e do laboratório de fronteira”, adianta Stabeli. Estudos sobre malária, leishmanioses, dengue, além da dinâmica da transmissão e a fisiopatologia da hepatite viral tipo delta, endêmica na região, também fazem parte do campo de atuação da unidade.

Em pouco tempo de existência, a unidade já celebra algumas conquistas. O ambulatório das hepatites crônicas virais B, C e delta é referência no

tratamento da doença no continente sul-americano e já realizou, entre 2004 e 2012, mais de 30 mil atendimentos ambulatoriais. O serviço dispõe ainda de uma unidade móvel para o tratamento e monitoramento de populações indígenas e ribeirinhas do Vale do Guaporé. O ambulatório de malária e febres não identificadas, que durante o mesmo período realizou mais de 200 mil atendimentos, é outro serviço de destaque da unidade, sendo o único de atendimento especializado na patologia no estado. A iniciativa vem sendo espelho para o recém instalado escritório da Fiocruz em Moçambique.

No campo da epidemiologia, os resultados também são significativos. Por meio do tratamento dos portadores de malária provocada pelos parasitas *vivax* e *falciparum*, seguidos do tratamento preventivo das recaídas de malária *vivax*, a unidade conseguiu praticamente erradicar a doença em duas localidades ribeirinhas do Rio Madeira. “Nessas áreas, até recentemente, os altos níveis de incidência poderiam ter gerado um surto pandêmico com a implantação das usinas hidrelétricas na região”, afirma Stabeli. Segundo ele, o trabalho servirá de orientação para o combate à doença em outras áreas ribeirinhas amazônicas. “Estamos planejando um novo estudo utilizando as mesmas metodologias, mas ampliando a área do ensaio a todo um município com alta incidência de malária *vivax* da região”, revela.

Para aprimorar seu campo de atuação, a Fiocruz Rondônia traçou como meta uma segunda etapa de implantação, que propõe a construção de uma sede própria, idealizada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. A iniciativa, prevista para 2013, será realizada em parceria com Universidade Federal de Rondônia, o Ministério da Saúde, o governo do estado, a Prefeitura de Porto Velho e, possivelmente, os consórcios de construção das hidrelétricas do Rio Madeira. “Daremos continuidade às nossas ações seguindo a tradição de Oswaldo Cruz, com o desafio de cuidar da qualidade de vida da população que aqui reside, por meio da ciência, tecnologia e inovação”, conclui Stabeli.